

A MULTIPLICIDADE DE PONTOS DE CONTATO ENTRE PROSA E POESIA EM VIRGINIA WOOLF

O livro *A prosa poética de Virginia Woolf*, cuja publicação é encabeçada pela pesquisadora brasileira Maria Aparecida de Oliveira, segue na esteira de diversas de suas outras publicações, cuja produção bibliográfica acadêmica se debruça abundantemente sobre a obra da escritora inglesa Virginia Woolf. Embora esta coletânea dialogue com temas abordados previamente por Oliveira, como é o caso do feminismo em sua obra, desta vez a envergadura da escritora é examinada a partir do eixo de sua escrita poética. Ainda que Woolf jamais tenha se enveredado pelo gênero poesia, sua prosa de Woolf frequentemente se materializa em um nível de abstração que muitos associam ao lirismo e à poesia como um todo que nos levam a questionar os espaços fronteiros entre ambos os gêneros – questão esta investigada pelos diversos textos contidos neste livro organizado por Oliveira e outros.

Esta publicação conta ao todo com 14 artigos, dois deles sendo em inglês, escritos por acadêmicos filiados a diversas universidades brasileiras assim como duas advindas dos Estados Unidos, demonstrando o alcance da obra de Woolf e o contínuo interesse nela. Trata-se do resultado de um minicurso realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2020, também organizado por Oliveira, onde a prosa da escritora foi abordada sob diferentes perspectivas, fundamentando-se na produção literária, mas também ensaística de Woolf a fim de fornecer um panorama de suas principais ideias e inovações. Foram abordadas em consonância a estética e a política, em uma circulação frutífera de reflexões e experiências que contextualizam o trabalho de Woolf à luz de teorias modernas e pós-modernas que foram desencadeadas pela própria autora.

Tal abordagem reflete-se também no trabalho impresso aqui visto, que expande e imortaliza os pensamentos difundidos durante os minicursos. Observa-se uma amplitude de escritos selecionados para análise que fornecem uma compreensão global do pensamento da escritora, ainda que *Mrs. Dalloway* (1925), seu romance mais reconhecido, ganhe maior espaço perante os demais. Todavia, dentre os outros textos de Woolf, uma atenção importante é feita a alguns de seus contos – gênero cuja produção foi muito relevante para a autora –, a outros de seus romances e a seus ensaios, além de uma apreciação à única incursão da autora ao gênero dramático, com sua peça *Freshwater: Uma comédia* (1923). E se os diversos escritos pessoais não são propriamente o *corpus* principal dos artigos, seus respectivos autores se servem das cartas e outros escritos biográficos com muita perspicácia e discernimento, produzindo o efeito final de uma coletânea abrangente, porém jamais exaustiva de uma das escritoras mais importantes da literatura, escrita por entusiasmados pesquisadores da mesma.

Bernardo Luiz Antunes Soares

Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor substituto de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: bernardosoares72@icloud.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5187-3395>

Em se tratando de uma compilação que enfatiza o poético em Virginia, observamos desde o primeiro artigo uma atenção a elementos advindos do pastoral e da poesia, como a recorrência da simbologia floral que perpassa toda sua obra, mas que é analisada com profundidade por Elisa Kay Sparks em *Jacob's Room* (1922). A miscelânea de cores, formatos, dimensões, espaços, padrões de iluminação e a absoluta diversidade de espécies botânicas, cada qual com sua particularidade estrutural, de composição e de *habitat*, sempre contempladas pela escritora, é minuciosamente analisada por Sparks à luz da poesia pastoral, em um texto que discorre sobre as múltiplas maneiras em que Woolf segue e rompe com a tradição deste gênero. Em particular, Sparks ressalta a presença marcante de flores púrpuras, que a leva à mitologia de Adonis e Hyacinth, e perpassa uma série de autores do cânone poético, como Virgílio, Marot, Milton e Shelley, ressaltando a conotação elegíaca de consolação trazida por essas flores no contexto do romance – cujo personagem epônimo será ele mesmo morto no desfecho. Sparks também valoriza, é importante salientar, uma isotopia de elementos da fauna, marcada pela presença de insetos que, associados às flores, adicionam uma dimensão nova à simbologia e à tradição pastoral.

Simbologia também é algo relevante na análise empreendida por Patrícia Marouvo em “O jogo de *chiaroscuro* em *The Waves*”, ao analisar o romance epônimo e sua constante metaforização do sol e jogos dicotômicos de luz e sombra – outros elementos bastante recorrentes na escrita de Woolf. Observando como a noção do sol em *The Waves* (1931) replica a ideia de ciclos do dia na existência humana, a pesquisadora faz interessantes análises sobre como, ao contrário do que dita uma tradição antitética de luz e sombra, o texto de Woolf reúne ambos os elementos como condições inexoráveis um da existência do outro, podendo até mesmo coabitarem o mesmo espaço. Ao permitirem que as coisas sejam enxergadas, a luz, em Woolf e para Marouvo, representa o conhecimento racional e a identificação de incertezas.

Ao inspecionar a mimetização de Woolf das diversas mudanças de iluminação solar ao longo da narrativa (que se passa em um único dia), Marouvo observa o ápice desta simbologia na presença de um eclipse solar, que figura como um momento de incertezas para um dos personagens e cuja antecipação, duração e repercussão em sua vida é dinamizada pelo texto a partir de uma segmentação temporal – a qual a pesquisadora chamará de pré-eclipse, eclipse e pós-eclipse. Neste momento, Marouvo analisa todo o esplendor da poética de Woolf ao representar inúmeras facetas sobre a relação do ser humano com o tempo, que se conjura e é sentido a partir da memória, ressignificando este presente à luz do sentimento de (i)mortalidade experienciado em cada uma das três partes.

Tais ideias e simbologias também são repensadas por Rosângela Neres de Araújo em seu artigo “O eclipse e a imortalidade do ser em ‘The sun and the fish’, de Virginia Woolf”. Utilizando-se do ensaio epônimo de Woolf, a pesquisadora disserta sobre a contribuição de Virginia no que diz respeito à estetização permitida pela linguagem poética, que se abre a um leque infundável de questões sobre a faculdade do ver/não ver. Nesse aspecto, a capacidade de visão atrela-se à própria subjetividade humana e à capacidade de representar estas subjetividades no texto literário, mas

também à própria composição pictural do mundo no texto literário. É importante salientar – e é esta uma contribuição importante de Araújo – que ambos os espectros estão intrinsecamente relacionados, ou seja, a subjetivação mental e a representação imagética, pois o grau extremo de minúcia na composição das imagens permite uma incursão na consciência dos personagens e captura pontos sensíveis que transcendem o puramente individual e afirmam a universalidade da experiência humana.

A subjetividade – e a coexistência com inúmeras outras – é algo ressaltado pelo artigo “‘Orts, scraps, fragments’: Multiplicidade de vozes em *Between the acts*”, de Juliana Pimenta Attie. No entanto, como o próprio título já afirma, esta subjetividade será algo examinado a partir da voz, em mais uma dimensão do texto poético contemplada por esta coletânea. As vozes e os diversos sons presentes na obra de Woolf trazem à tona a materialidade da linguagem, enfatizando também a noção de inúmeras vozes que partilham um mesmo espaço, se cruzando e misturando, em um meio caótico que ainda assim encontra sua unificação. As perspectivas individuais são intensamente respeitadas, porém fragmentadas, não permitindo leituras completas dos personagens. Mas a noção de sonoridade expande-se ao englobar elementos como músicas, que reverberam aspectos temáticos da autora, assim como elementos acústicos que ressaltam o silêncio, como ecos, que ao surgirem no texto, afirmam o mergulho em temporalidades distintas daquela do presente, trazendo à tona memórias e pensamentos submersos no inconsciente.

A materialidade do som é também contemplada no artigo “Fluxo de consciência, audição imaginada: Ouvir *Mrs. Dalloway*”, de Lauro Iglesias Quadrado, que trabalha, assim, visando uma expansão para a sensorialidade tão forte no texto de Woolf. A ação de ouvir, mais uma vez, marca a subjetividade de um(a) narrador(a), mas distingue-se da habilidade do ver por não permitir uma certeza quanto à posição do personagem, uma vez que se ouve de maneira omnidirecional. No campo do texto, isso converte-se em incertezas, em imaginários, seja do que se ouve quanto de quem está ouvindo. Dialogando com o estudo de teoria dos sons, o pesquisador elabora uma discussão complexa sobre a correlação do estado de espírito da personagem epônima de *Mrs. Dalloway* assim como com a imersão do leitor, a partir de um trabalho ao qual ele chama de politextural, que incorpora diversas camadas à noção de escutar – em particular os sons urbanos que compõem e dramatizam o cenário caótico da Londres na qual o romance se situa.

Também nos chama bastante atenção, ainda a respeito da materialidade do texto poético, o artigo de Genilda Azerêdo intitulado “Metaficção e lirismo em ‘Um romance não escrito’, de Virginia Woolf”, onde a acadêmica resalta a dicção poética de Woolf ao versificar o fluxo de consciência do narrador do conto “Um romance não escrito” (“An unwritten novel”, 1920). Destarte, Azerêdo se apropria de um trecho bastante elucidativo quanto à esfera poética da escrita da autora e converte sua prosa em versos – exemplificando, assim, a sonoridade já existente no trecho a partir de figuras como aliterações, assonâncias, repetições, anáforas, entonações, entre outros artifícios do texto poético. A pesquisadora observa como as justaposições articuladas pelo trecho analisado, que alçam a prosa em um nível elevado de lirismo, também ressaltam o

dilema metaficcional da narradora do conto, que se vê incapaz de concretizar aquilo que vê e escuta em um texto literário.

Importante aspecto a ser destacado, também, é o diálogo que diversos artigos propõem entre Woolf e outros(as) autores(as), como é o caso de Mariana Muniz Pivanti e Davi Pinho, em seu artigo “Écriture féminine – Um passeio em torno de Hélène Cixous e Virginia Woolf”. De acordo com os autores, a visão de “écriture féminine” defendida por Hélène Cixous seria contrária a uma escritura fundamentada na razão, tipicamente construída no senso masculino. A ação de ficcionalização feminina, para Cixous e Woolf, seria concentrada em uma diversidade de eus, de subjetividades, proliferando a presença de outros, de vozes que não se unificam. O trabalho supracitado com a materialidade do texto em suas sonoridades também se abre, nesse sentido, uma vez que a palavra de Woolf pode englobar sentidos que vão muito além daquele que pressupõe seu significado – seu significante, ou seja, sua imagem e som abrem caminhos para as memórias afetivas que estas carregam.

A análise intertextual também marca o artigo “Dos grilhões do crime às fissuras da verdade: A (des)construção da loucura em *Mrs. Dalloway* e *Uma maçã no escuro*”, de Lucas Leite Borba, onde o acadêmico propõe um diálogo entre Woolf e Clarice Lispector. Sob a égide de uma leitura psicanalítica, trava-se uma correlação na representação do estado psicológico de Septimus no romance de Woolf e Martim, no de Lispector. O aprofundamento na mente destes personagens expõe uma filosofia alternativa, que se afasta do pensamento comum, alicerçado por uma intensa angústia diante do isolamento, compondo, assim, mundos individuais que os encarceram e os limitam do contato com outros. Um aspecto metaficcional também os une, uma vez que a escrita serve como intermédio para subjetividade de ambos, numa desconstrução do mundo para reconstruí-lo a partir da palavra. Em uma leitura foucaultiana empreendida por Borba, a loucura dos personagens converte-se em uma extrema consciência da verdade sobre a vida – e como esta fatalmente contradiz noções estanques na sociedade.

A partir deste texto, propomos um passeio por alguns dos textos selecionados por Maria Aparecida de Oliveira e todo o universo poético descortinado por estes presentes na escrita de Virginia Woolf. A coletânea nos propicia um novo olhar sobre as regiões limítrofes entre prosa e poesia, e como estas são reempregadas pela escritora como uma nova maneira de dramatizar experiências universalmente humanas calcadas em pontos de vistas singulares e específicos. Também reforçam questões relacionadas a uma política de sensibilidade feminina, que é atrelada a esta correspondência da poesia a maneiras de ressignificar o caos interno dramatizado pelas obras de Woolf. Buscamos, aqui, enfatizar o aspecto de complementaridade dos artigos, que se debruçam sobre obras e temáticas em particular que são posteriormente retrabalhadas sob uma nova perspectiva, produzindo um panorama coeso e rico sobre os múltiplos pontos de contato entre prosa e poesia em Virginia Woolf.

Recebido em 30/03/2022.

Aceito em 30/05/2022.